



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Macleo Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone, 787

Uma nova internacional

Os revolucionários sociais foram sempre inimigos acérrimos da guerra entre as nações, não só como causadora de grandes hecatombes e enormes danos materiais, mas especialmente como fomentadora do espírito imperialista e retrógrado. E não se arrependem dos seus actos e dos seus sentimentos ante a actual conflagração, tósse embora o abalo formidável causa directa ou indirecta uma transformação política ou social.

Uma epidemia mortífera pode igualmente levar a vastos melhoramentos numa cidade ou numa região e contribuir para divulgar claros preceitos e hábitos utilíssimos de higiene; mas nem por isso defenderemos como um bem a epidemia ou trataremos de a provocar e desenvolver. Pelo contrário: toda a nossa preocupação será denunciar-lhe préviamente os males e precaver contra a sua iminência as populações incautas, será envidar todas as energias numa benéfica propaganda de higiene preventiva.

Assim fizeram os revolucionários quanto a guerra pelos interesses capitalistas, á qual eles preferiam mil vezes a revolução social, a guerra entre as classes, infinitamente mais económica em vidas e riquezas e infinitamente mais produtiva sob o ponto de vista dos interesses gerais da humanidade.

Mas desde que a guerra é um facto consumado, que nos resta senão esperarmos alguns benefícios compensadores e procurarmos alargá-los e provocá-los?

Muitos são os que vêem na presente conflagração o sacudimento precursor de grandes mudanças de coisas. Os mais modestos auspiciam a queda do imperialismo germânico, uma situação política mais moderna na Alemanha, concessões liberais arrancadas ao tsarismo russo pela necessidade de manter uma certa unidade e um certo ardor no colosso eslavo,—em suma, uma atmosfera mais respirável que favoreça um rápido desenvolvimento da força e consciência proletárias.

Não há, sem dúvida, males completos e absolutos.

E uma das vantagens compensadoras que parecem distinguir-se desde já no horizonte é a provável «desprussianização» do socialismo democrático internacional e da organização operária.

A social-democracia alemã e austro-húngara, formalista e autoritária, pesada e centralista, exercia uma funesta influência sobre o movimento operário e socialista e era apontada como modelo e exemplo de força e sabedoria pelos burgueses e pelos elementos reaccionários dos partidos populares.

Veio a guerra. A social-democracia e as organizações operárias germânicas, sobre as quais maiores responsabilidades impendiam, não só em razão da sua potência, mas ainda em virtude da vontade imperialista e agressiva dos dois impérios centrais, mostraram bem o que valiam, aderindo á guerra e paralisando a acção do operariado francês e inglês, cujas disposições antiguerreiras começavam a revelar-se enérgicamente.

E agora são os seus próprios correligionários dos outros países que condenam severamente a social-democracia, como o prova a resposta ativa dos de Itália áquella singular missão socialista tedesca, que mais parecia uma embaixada do Kaiser!

Em tais condições, será arriscado prever a derrocada do pseudo-socialismo teutónico e da sua nefasta hegemonia?

Era na Alemanha que tinham a

sua séde a maior parte dos secretariados internacionais de officio ou de industria, assim como o inútil e burocrático secretariado internacional, laço único entre as diversas organizações operárias nacionais, assim imperfeitamente confederadas.

A. C. G. T. francesa aderia a este organismo e mandava pacientemente aos pequenos conclaves anuais de funcionários supremos, mais ou menos vitalícios, os seus dois secretários gerais. Eram conciliábulos burocráticos, que repeliavam gravemente, como questões politicas estranhas á sua alçada, todas as vastas questões de interesse geral.

Em vão os franceses propunham á discussão os largos e angustiosos problemas do antimilitarismo operário e da greve geral; em vão pediam a convocação de verdadeiros congressos operários internacionais, que estudassem e agitassem as ingentes questões proletárias.

Em vão também alguns sindicalistas, entre eles o nosso amigo Alceste De Ambris, procuravam mostrar a ilusão que havia em querer transformar burocraticamente, pelo alto, a Internacional centralista e fechada que os teutões dominavam.

Agora os factos devem forçar a C. G. T. a fazer-se iniciadora de uma nova Internacional que, sem se tornar confessional ou sectária, seja animada pelo espirito de liberdade e autonomia e se inspire nos verdadeiros interesses gerais do proletariado.

Se tal fizer, como é bem provável, terá em seu tórno as organizações sindicalistas da Inglaterra, da Itália, da Espanha, de Portugal, da América do Norte e de toda a América do Sul, belo reservatório de energias futuras.

E terá ainda as organizações livres que em todos os países, mesmo nos germânicos, tiverem uma alma sinceramente proletária e um sincero desejo de emancipação social.

A CARESTIA DA VIDA

O protesto que o povo do Porto realizou na semana finda, e os gravísimos acontecimentos que se lhe seguiram, vieram chamar a atenção de toda a gente para este tão importante problema da carestia dos géneros. Por toda a parte se fala do caso; nos cafés e nos centros políticos, nas associações e nos mercados, na rua e nos jornais, todos comentam os acontecimentos. E, constatamos com prazer, ninguém se apresenta a defender o procedimento ignóbil dos açambarcadores nem da força pública que tão enérgicamente os defendeu.

Os mais ferrenhos partidários da Ordem, aqueles que mais acaloradamente defendem a organização da sociedade actual—que, explorando o trabalho e estabelecendo a mais desenfreada concorrência, produz conflitos económicos, guerras, fomes, etc.—rotundos e anafados burgueses, partidários da legalidade e das vias competentes, todos, em suma, que não são directamente interessados na alta de preços, são unânicos em aprovar a attitude do povo operário e... em achar pouco.

A questão é muito grave. A crise não é apenas provocada pela alta considerável dos pre-

ços; para ella contribui grandemente a falta de trabalho que lavra pelo país como uma epidemia.

E' pois necessario combater a ganância dos açambarcadores, provocar a baixa de preços, afim de que não continuemos a ser vítimas desta roubalheira infame. Mas isso não basta.

Quem não tem trabalho não ganha; e como nós não temos reservas acumuladas, porque mesmo trabalhando toda a semana nem ao menos conseguimos satisfazer uma parte das nossas necessidades, desde que não ganhemos não podemos comprar os géneros por mais baratos que estejam.

Não se calcula o número de operários sem trabalho que actualmente existem no paiz. Todos os dias recebemos informação de que alguma fabrica fechou, ou de que algum cerco marítimo deixou de trabalhar, ou de que tal proprietario despediu tantos rurais, etc.

E aqueles que não são definitivamente despedidos ficam a tres dias.

Como é que nestas condições nos havemos de alimentar? Como é que havemos de pagar a renda ao senhorio?

Supunhamos um operario que teve a felicidade de não ser despedido ao qual o patrão consentiu por benevolencia que trabalhe 3 dias por semana; supunhamos ainda que se trata de um bom official daqueles poucos que ganham \$70 centavos por dia. E' pois com esses 9 ou 10 escudos mensis que muito poucos podem tirar nesta occasião, que se ha de pagar renda de casa e sustentar uma casa de familia? E os que em vez de \$70 centavos por dia ganham apenas \$24, ou não ganham nada?

Como querem que nos governemos?

Sem comer não se pode viver; querem que nos deixemos morrer á fome?

O povo do Porto já outro dia mostrou que não está disposto a isso.

Tem agora a palavra o povo das outras localidades.

Estão dispostos a dormir na rua?

Não se revoltam perante a expectativa de não terem que comer?

A. Quintanilha.

Preñuncios

O correspondente do *Diaro de Noticias* em Bordéus em 16 do corrente:

Os socialistas franceses vão realizar hoje em Bordéus uma importante reunião. Sabemos que marcham de acordo com os socialistas italianos, belgas, ingleses, russos, suecos, romanos e gregos. Vão talvez denunciar ao mundo a traição do «comité» da Social Democracia Alemã que hoje se collocou, por medo ou por sordido interesse, ao lado dos militares de Berlim.

O deputado socialista alemão Franck, que era um dos chefes do partido, morreu num dos combates da fronteira, proximo de Luneville. Era sargento num dos destacamentos que mais barbaramente atacou as povoações da fronteira, praticando actos de crueldade!

A Social Democracia Alemã deu em droga. E' hoje um rabo-leva do militarismo alemão. Mas o partido extremo do socialismo alemão continua a ser oposto á guerra. E é de crer que essa facção acabe por ter a força necessaria de se impôr. São esses elementos de revolva que hoje procuram criar uma corrente em favor da paz, nos centros populoso-os de Alemanha. Em Berlim tem apparecido milhares de «placards» com estas palavras simbolicas: «Basta de sangue! Queremos a paz! Abaixo a casta militar!»

A crise prática do socialismo de Estado

Não é em face da actual conflagração que o socialismo de Estado mostra a sua falencia:—a sua impotencia para impedir, ou tentar impedir essa horrorosa carnificina, constituiu, apenas, um caracteristico da sua nenhuma força moral, além de nos fornecer uma prova irrefutavel da inefficácia dos métodos de luta em que se apoia.

Antes da actual guerra, já o socialismo estatista e governamental havia demonstrado os seus lados fracos e erróneos; agora, como o seu servilismo aviltante e humilhante prestado em homenagem á burguesia dominadora, veio provar, mais uma vez, a série enorme dos seus fracassos. Assim, umas leves considerações sobre o socialismo ortodoxo e dogmático de todos os patres europeus, bastar nos hão para comprovar o que afirmamos.

A formação dum partido politico parlamentar independente do movimento economico do proletariado, torna impossivel a análise das qualidades sociais dos elementos que o compõem. Aproveitando-se dos grandes conhecimentos que possuem, os burgueses profissionais do parlamentarismo collocam-se, aparentemente, ao lado do operario, mas tornando-o sempre escravo das suas ambições e das suas raras habilidades. Destarte, a chamada *politica parlamentar de emancipação proletária*, veio a tornar-se num jogo dilettantesco engendrado pelos directores do socialismo de Estado.

E neste caso, toda a decantada *transformação social dentro dos parlamentos*, toda a crença na tática legalista, que é uma característica diferencial do «mais revolucionário» dos partidos da nossa época, daquella partido que, a tiradas retóricas e balofas pretende abolir o salariato e o patronato—centralizando o Estado e criando uma burocracia socialista—não passa dum motivo de risota dos governos e das classes dominantes.

Sob o pretexto de mover guerra aos padres e aos frades, os socialistas adeptos de Jaurés (1) tem apoiado todas as propostas contrárias ao ensino racional e livre. E' que a invasão dos homens deste partido nas assembleias electivas não é um sinal de superioridade da classe trabalhadora sobre a classe burguesa, mas tam sómente a superioridade dos interesses dum partido conservador sobre os interesses dum outro partido igualmente conservador. A prova é evidente: assim como a conquista jacobina representou apenas a força dum facção e de nenhum modo o sentimento dum classe, assim tambem a conquista socialista não representará o triunfo do proletariado, mas unicamente o triunfo dum novo amo que, em nome do socialismo, dominará a sociedade e escravizará o povo...

A social-democracia alemã, juntamente com o partido socialista italiano, tem defendido, dentro dos seus programas, o direito constitucional existente, isto é, a organização monarchico-parlamentar; e no campo economico social apenas tem apresentado muito vagas reformas.

O partido socialista espanhol, fazendo uma vergonhosa mancebia com os republicanos, tem pedido, pela boca de Melquiadez Alvarez, e Gumerzindo Azcárate, o poder para governar com a própria monarchia...

Ha tempos, *A critica social*,

de Itália, publicou um artigo de Yvanoe Bonomi, em que este socialista nos apresenta o programma duma democracia governamental, com as várias coisas que poderiam obter-se, segundo os meios legais. Mas não quer que, em nome do desarmamento geral, se reduzam os orçamentos do exercito de terra e mar; pelo contrario, acrescentava que, «para que a democracia se torne sólida, se apoiem todos os meios tendentes a fortalecer o exercito, a torna-lo invencivel...»

O que este socialista de Estado propõe na sua política, como immediato programa de governo, é a paz armada, o carácter laico do Estado, a reforma tributária, etc., o que concorda admiravelmente com os programas de todos os partidos conservadores, mas jámais com as aspirações proletárias. Não extranhemos a linguagem deste escritor; o que nós admira é que os dirigentes do partido socialista aceitem as declarações dele e as façam suas!...

Acrescentemos ainda, que o programa apresentado por Bonomi, na Itália, e o programa apresentado por Melquiadez Alvarez e Gumerzindo Azcárate, na Espanha, são tam concordes que não só definem claramente a mentalidade socialista europeia, mas a de todo o mundo.

Assim, podemos afirmar que os partidos socialistas de toda a parte, nunca constituiram, apesar deles o apregoarem aos quatro ventos, ameaça alguma contra o actual regime social. Durante as mais fortes campanhas obstructionistas ou oposicionistas, sempre se tem collocado ao lado da legalidade e contra as outras classes sociais que, para defenderem a sua liberdade e o seu direito á vida, negavam esta mesma legalidade.

Na Itália, em 1898, quando caiu varado por uma bala o rei Humberto, os socialistas iniciaram uma campanha de ferocissima perseguição moral contra os anarquistas; e os seus periódicos, a «Brianza», de Monza, a «Battaglia», de Palermo, o «Grito del Popolo», de Turino e muitos outros cujos nomes me não ocorrem agora, saíram tarjados de luto!... Os socialistas condenaram aberta e enérgicamente o acto de revolta individual contra os morticínios de Milão, escrevendo depois da execução do rei, o «Avanti!» as seguintes palavras: «Os anarquistas não são homens que mereçam o respeito das gentes: são animais ferozes que toda a gente tem o direito de esmagar».

Quando das revoltas colectivas na Sicilia por causa da carestia da vida, os socialistas italianos exprimiram juizos inqualificáveis. Eles mesmo, de acordo com os socialistas alemães, é que aconselharam a aliança com as dinastias despóticas dos impérios centrais. O próprio Turati justificou a intervenção da força armada nas revoltas populares, isto no momento em que o povo era massacrado nas ruas!...

O socialismo parlamentar de todos os paizes apresenta, apenas como remédio para todos os males do povo, o eleger o maior numero de deputados para assim poderem fazer parte dos ministérios. (2) Em nenhum paiz tem manifestado o sentimento de solidariedade proletária; ao contrario, tem mas é inculcado o espirito dos trabalhadores o sentimento nacionalista e patriótico.

O elevado número de burgueses que existe no partido so-